



JORNADA NAS ESTRELAS

O GUIA DA SAGA





SALVADOR NOGUEIRA | SUSANA ALEXANDRIA

JORNADA NAS ESTRELAS

O GUIA DA SAGA

leYa

Copyright © Salvador Nogueira e Susana Alexandria, 2016
Copyright © Leya Editora Ltda., 2016

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.002.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editor associado:

Silvio Alexandre

Revisão:

Maria Beatriz Branquinho da Costa

Projeto gráfico:

Will e Silvio Alexandre

Editoração eletrônica:

Will

Capa:

Leandro Dittz

Ilustração de capa:

Caio Monteiro

STAR TREK e todas as marcas relacionadas são marcas da CBS Studios, Inc. ou Paramount Pictures. As informações contidas neste livro são de cunho jornalístico e de inteira responsabilidade dos autores e da editora. Este livro não foi produzido, aprovado ou licenciado por nenhuma empresa envolvida na criação ou produção das séries de Star Trek - Jornada nas Estrelas. Este livro foi concebido e editado como um estudo crítico/catalográfico das séries de Star Trek - Jornada nas Estrelas, observando os princípios do uso justo e razoável ("fair use"), bem como as disposições das Leis 9.610/98 e 9.279/96.

CRÉDITOS: Todas as imagens de STAR TREK, STAR TREK: THE NEXT GENERATION, STAR TREK: DEEP SPACE NINE, STAR TREK: VOYAGER, STAR TREK: ENTERPRISE, STAR TREK: THE ANIMATED SERIES e STAR TREK: MOVIES utilizadas neste livro são imagens de divulgação.

IMAGENS ADICIONAIS: Ao final do livro podem ser encontrados todos os créditos das imagens usadas. Foram usadas sob as diretrizes de Fair Use ou liberadas sob Creative Commons.

Todos os esforços foram despendidos para conferir os devidos créditos aos detentores dos direitos das imagens utilizadas neste livro. Eventuais omissões de crédito e de copyright não são intencionais e serão apropriadamente esclarecidas nas próximas edições, bastando, para tanto, que seus proprietários contatem os editores.

**CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)**

N715h

Nogueira, Salvador & Alexandria, Susana
Jornada nas Estrelas: o guia da saga / Salvador Nogueira,
Susana Alexandria. – 1 ed. - São Paulo : Leya, 2016.
320 p. : il.

Inclui bibliografia

ISBN 978.85.441-0431-6

1. Star Trek (Programa de televisão). I. Alexandria, Susana. II. Título.

16-33776

CDD: 791.4575

CDU: 791-24

Índice para catálogo sistemático:

1. Jornada nas Estrelas: Série : Programa de televisão 791.4572

Todos os direitos reservados a

LEYA EDITORA LTDA.

Av. Angélica, 2318 - 12º andar

01228-200 - São Paulo - SP

www.leya.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	07
Uma série à beira da eternidade	
1 - Como tudo começou (1964-65)	09
O longo caminho que levou Gene Roddenberry a criar <i>Jornada nas Estrelas</i>	
2 - Tripulação a bordo (1965-66)	17
A revolta da NBC contra Spock e a definição do elenco	
3 - A série ganha forma (1966-67)	29
A história da primeira temporada de <i>Jornada nas Estrelas</i> , com guia de episódios	
4 - Em velocidade de dobra (1967-68)	40
A história da segunda temporada de <i>Jornada nas Estrelas</i> , com guia de episódios	
5 - Turbulência espacial (1968-69)	51
A história da terceira temporada de <i>Jornada nas Estrelas</i> , com guia de episódios.....	
6 - Do cancelamento ao retorno animado (1970-75)	59
<i>Syndication</i> , ativismo dos fãs e o retorno de Kirk e sua tripulação numa série de desenhos.....	
7 - Fase II, a série natimorta (1976-77)	69
A tentativa de recriar a série original para televisão.....	
8 - Confronto com V'Ger (1979)	74
O primeiro filme de <i>Jornada nas Estrelas</i> para o cinema.....	
9 - KHAAAAAN! (1982)	78
O antigo espírito da série volta no segundo filme, mas Spock morre	
10 - Milagre em Vulcano (1984)	83
Leonard Nimoy vai à procura de Spock no terceiro longa-metragem.....	
11 - Baleias em San Francisco (1986)	87
Mensagem ecológica com viagem no tempo no quarto filme da série	
12 - E eis que a Enterprise encontra Deus (1989)	91
William Shatner assume a direção do quinto filme para o cinema.....	
13 - Jornada pela paz (1991)	95
Kirk precisa superar seu ódio pelos klingons na sexta e última aventura clássica	
14 - A Nova Geração (1986-87)	100
Popular como nunca, <i>Jornada nas Estrelas</i> faz seu retorno triunfal à TV.....	
15 - Em busca do tom (1987-88)	107
A história da primeira temporada de <i>A Nova Geração</i> , com guia de episódios	
16 - A medida de todas as coisas (1988-89)	114
A história da segunda temporada de <i>A Nova Geração</i> , com guia de episódios.....	
17 - Resistir é inútil (1989-90)	120
A história da terceira temporada de <i>A Nova Geração</i> , com guia de episódios	
18 - Em família (1990-91)	126
A história da quarta temporada de <i>A Nova Geração</i> , com guia de episódios.....	
19 - Unificação (1991-92)	132
A história da quinta temporada de <i>A Nova Geração</i> , com guia de episódios	
20 - Rumo ao fim da jornada (1992-93)	138
A história da sexta temporada de <i>A Nova Geração</i> , com guia de episódios.....	
21 - Tudo que é bom um dia acaba (1993-94)	144
A história da sétima e última temporada de <i>A Nova Geração</i> , com guia de episódios	
22 - Passando o bastão (1994)	150
Kirk volta em <i>Generations</i> , primeiro filme com o elenco de <i>A Nova Geração</i>	
23 - A volta dos borgs (1996)	154
<i>Primeiro Contato</i> , segundo filme com o elenco de <i>A Nova Geração</i>	
24 - Rebelião no paraíso (1998)	158
O controverso filme <i>Insurreição</i> , que marcou o início do declínio.....	
25 - Um clone sem alma (2002)	162
<i>Nêmesis</i> , o último filme com o elenco de <i>A Nova Geração</i>	

26 - Uma estação no novo Velho Oeste (1991-93) A criação de <i>Deep Space Nine</i> , a primeira série sem o envolvimento de Gene Roddenberry	166
27 - Driblando as regras (1993) A história da primeira temporada de <i>Deep Space Nine</i> , com guia de episódios	173
28 - Entre terroristas e fanáticos (1993-94) A história da segunda temporada de <i>Deep Space Nine</i> , com guia de episódios.....	179
29 - O Dominion pede passagem (1994-95) A história da terceira temporada de <i>Deep Space Nine</i> , com guia de episódios.....	185
30 - O caminho do guerreiro (1995-96) A história da quarta temporada de <i>Deep Space Nine</i> , com guia de episódios.....	191
31 - Em tempo de guerra (1996-97) A história da quinta temporada de <i>Deep Space Nine</i> , com guia de episódios	197
32 - Narrativa serializada (1997-98) A história da sexta temporada de <i>Deep Space Nine</i> , com guia de episódios.....	203
33 - Tudo ou nada (1998-99) A história da sétima e última temporada de <i>Deep Space Nine</i> , com guia de episódios	209
34 - Perdidos no espaço (1993-95) A história da criação de <i>Voyager</i>	215
35 - Duas tripulações, um destino (1995) A história da primeira temporada de <i>Voyager</i> , com guia de episódios	222
36 - Desafios criativos (1995-96) A história da segunda temporada de <i>Voyager</i> , com guia de episódios.....	228
37 - Sempre se pode contar com os borgs (1996-97) A história da terceira temporada de <i>Voyager</i> , com guia de episódios.....	234
38 - 7 de 9 (1997-98) A história da quarta temporada de <i>Voyager</i> , com guia de episódios.....	240
39 - Espaço inexplorado (1998-99) A história da quinta temporada de <i>Voyager</i> , com guia de episódios	246
40 - Retorno iminente (1999-2000) A história da sexta temporada de <i>Voyager</i> , com guia de episódios.....	252
41 - Fim de jogo (2000-01) A história da sétima e última temporada de <i>Voyager</i> , com guia de episódios	258
42 - Antes do começo (2000-01) A história da criação de <i>Enterprise</i>	264
43 - Guerra fria temporal (2001-02) A história da primeira temporada de <i>Enterprise</i> , com guia de episódios.....	273
44 - Sem correr riscos (2002-03) A história da segunda temporada de <i>Enterprise</i> , com guia de episódios	279
45 - Aumentando as apostas (2003-04) A história da terceira temporada de <i>Enterprise</i> , com guia de episódios.....	285
46 - Estas foram as viagens (2004-05) A história da quarta e última temporada de <i>Enterprise</i> , com guia de episódios	291
47 - De volta ao começo (2009) Sob o comando de J.J. Abrams, <i>Star Trek</i> retorna aos personagens clássicos.....	298
48 - Além da Escuridão (2013) O segundo filme após o renascimento da série no cinema	304
49 - Um filme, meio século (2016) A produção do terceiro filme da cinessérie iniciada por J.J. Abrams	308
50 - Epílogo: os próximos 50 anos O que vem por aí na saga contínua de <i>Jornada nas Estrelas</i>	312
Bibliografia - Filmografia - Na Internet	317
Créditos das imagens	318
Agradecimentos	319
Os Autores	320

Uma série à beira da eternidade

A indústria de entretenimento já lançou incontáveis programas de TV, muitos deles com ótimo retorno do público. Quando o resultado vai além do esperado, o programa é considerado um sucesso. Mas, quando as reações e repercussões ultrapassam todas as expectativas e previsões mais otimistas de seus realizadores, estamos diante de um fenômeno. Por quaisquer critérios que se analise a série *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*), trata-se de um fenômeno jamais visto antes na história da televisão.

A série estreou em 1966, mostrando as viagens interestelares do capitão Kirk e de sua tripulação, a bordo da nave estelar Enterprise, numa missão de cinco anos, para pesquisar novas vidas e novas civilizações, audaciosamente indo aonde nenhum homem jamais esteve.

Esta série original, dita clássica, teve apenas três temporadas, mas deu início à magia que já dura 50 anos: quatro séries de TV derivadas, um pacote de desenhos animados e 13 filmes para cinema (até agora). E uma nova série de TV já foi anunciada para 2017!

A percepção superficial e tradicional desse fenômeno *trekker*, sobretudo pela imprensa, é centrada na reação dos fãs: sua avidez por consumir produtos e subprodutos da série, sua vontade de discutir os temas apresentados nos episódios, fazer *cosplay* com uniformes e adereços, especular sobre o futuro, escrever livros e contos de ficção ambientados no universo da série e até produzir novos episódios, como têm feito alguns fãs. O impacto de *Star Trek*, contudo, é muito mais abrangente e perene, tendo relação com as marcas deixadas pela série original e suas derivadas na própria cultura popular.

A NASA, agência espacial americana, bati-

zou o primeiro ônibus espacial de Enterprise, em homenagem à nave do capitão Kirk, após uma imensa campanha de fãs. No dia 17 de setembro de 1976, dez anos após a estreia da série, seu criador, Gene Roddenberry, e quase toda a tripulação da Enterprise fictícia foram ver de perto a Enterprise de verdade na primeira vez em que o ônibus espacial saiu das instalações e foi levado à pista de decolagem, em Palmbeach, Califórnia. Todos comemoraram ao som do tema de abertura da série.

É difícil encontrar alguém que nunca tenha ouvido falar em klingons ou no sr. Spock. Porém, as influências vão além de nomes e curiosidades. *Jornada nas Estrelas* não apenas apresentou em seus episódios um possível futuro para a humanidade, mas, de várias maneiras, ajudou a moldar esse futuro. A afirmação pode parecer exagerada a princípio, mas começa a fazer sentido quando se fica sabendo que o inventor do telefone celular, por exemplo, inspirou-se no comunicador usado por Kirk e companhia para desenvolver o aparelho. Nos anos 1960, quase todas as telecomunicações dependiam de fios. Então o dr. Martin Cooper, gerente-geral de sistemas da Motorola, viu um episódio de *Jornada*. “De repente, ali estava o capitão Kirk falando em seu comunicador, sem precisar discar! Para mim, aquilo não era fantasia, mas um objetivo”, diz ele.

Uma das maiores homenagens à série é a exposição do modelo original da nave USS Enterprise utilizado na série no Museu Nacional do Ar e do Espaço da Instituição Smithsonian, em Washington, nos Estados Unidos. O museu abriga a maior coleção de aviões e espaçonaves do mundo – e a miniatura da Enterprise está ao lado de preciosidades como o avião *Flyer*, do primeiro voo dos irmãos Wright, em 1903, e o

Spirit of St. Louis, no qual Charles Lindbergh fez o primeiro voo ininterrupto sobre o Atlântico.

Jornada nas Estrelas, entretanto, ia além da tecnologia e também foi vanguardista na universalização dos direitos humanos e no combate a preconceitos de todos os tipos. Especialmente memorável foi seu desafio à discriminação racial, mostrando, através de sua tripulação multiétnica, que era possível a cooperação e a convivência harmoniosa entre todos os habitantes da Terra – algo que ainda hoje almejamos atingir de forma plena.

Símbolos dessa diversidade eram a presença, na ponte de comando da Enterprise, do tenente Sulu, um oriental vivido por George Takei, do alferes Chekov, um russo (em plena Guerra Fria!) interpretado por Walter Koenig, e da tenente Uhura, interpretada pela atriz afro-americana Nichelle Nichols. Uhura e o capitão Kirk protagonizaram o primeiro beijo inter-racial da TV americana, no episódio *Plato's Stepchildren* (*Os Herdeiros de Platão*, 1968). É fácil ser indiferente aos ideais de Roddenberry hoje em dia, mas a tolerância racial era uma ideia nova – e quase subversiva – para a TV americana dos anos 1960. Gene usou as aventuras espaciais da série para mostrar um futuro melhor e promover sua concepção ideal de mundo. E tudo começou no dia 8 de setembro de 1966, há 50 anos, quando a Enterprise voou pela primeira vez nas telinhas, e pela primeira vez se ouviu a voz do capitão Kirk dizendo: “O espaço, a fronteira final. Estas são as viagens da nave estelar Enterprise...”

Este livro se propõe a contar a história da produção desse fenômeno televisivo (que migrou também para o cinema). Com base em ampla bibliografia, além de entrevistas, documentários e outras fontes confiáveis de informação, mostramos como cada série e filme do universo *Jornada nas Estrelas* nasceu, até chegar à telinha (ou telona).

Além disso, comentamos todas as temporadas de cada uma das séries, com guias dos mais de 700 episódios produzidos (e os não produzidos também, como os da chamada Fase II, nos

anos 1970, uma continuação da série original que chegou a entrar em pré-produção e foi cancelada às vésperas do início das filmagens, com vários episódios já escritos). O material abarca todas as encarnações na televisão:

- ☛ *Jornada nas Estrelas* (clássica)
- ☛ *Jornada nas Estrelas: a série animada*
- ☛ *Jornada nas Estrelas: A Nova Geração*
- ☛ *Jornada nas Estrelas: Deep Space Nine*
- ☛ *Jornada nas Estrelas: Voyager*
- ☛ *Jornada nas Estrelas: Enterprise*

Também estão naturalmente inclusos nessa história todos os 13 longa-metragens produzidos para cinema, até 2016. Assim, além de ter a história e os bastidores das séries e dos filmes, o leitor tem em mãos um guia do universo de *Jornada das Estrelas*.

Nossa intenção, como fãs da série, foi produzir um tributo, um material que nós mesmos gostaríamos de ter, mas não encontramos em lugar algum: um só volume com um panorama completo de tudo o que existe de *Jornada nas Estrelas*, em todas as suas vertentes, explorando não só as ricas narrativas de ficção que permearam essa trajetória, mas os bastidores das produções e o diálogo constante entre arte, ciência e cultura que a saga produziu ao longo de meio século de vida. Esperamos que o leitor sinta na leitura dos 50 capítulos deste livro o mesmo prazer que experimentamos em produzi-los. Como dizem os vulcanos, os alienígenas mais queridos de *Jornada*, vida longa e próspera!

Os autores





1

Como tudo começou

O longo caminho que levou Gene Roddenberry a criar *Jornada nas Estrelas*

Críticos de cinema e televisão às vezes erram feio – ou, no mínimo, estão totalmente fora de sintonia com o telespectador. Tendo isso em mente, faça seu juízo sobre um programa que, segundo a famosa revista americana *Variety*, “arrasta-se por uma hora, com raros momentos que não sejam de violência, assassinatos, hipnose e um monstro horrível e repugnante. O maior jogo de adivinhação é descobrir como esta fantasia em letra minúscula entrou na programação”.



Cena de *The Man Trap*, primeiro episódio exibido na TV, em 1966.

A resenha foi publicada logo após a estreia de *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*) na televisão americana, em 8 de setembro de 1966. Cinquenta anos depois que esse veredicto foi proferido pelos então especialistas em entretenimento televisivo, estamos aqui comemorando o fato de que os telespectadores não deram muita bola para eles. Isso mostra, na verdade, o quanto a série de televisão criada por Gene Roddenberry esteve à frente de seu tempo. Não podemos realmente culpar o jornalista da *Variety*; ele não estava pronto para apreciar o valor do que estava vendo – como muitos de seu círculo, aliás.

Talvez o equívoco da rede de TV NBC tenha sido a escolha de uma história aparentemente simplória, *The Man Trap*, para apresentar *Jornada nas Estrelas* à sua

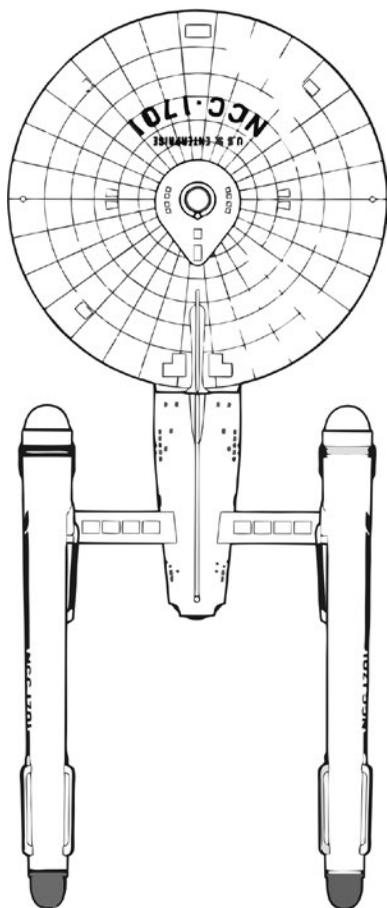
audiência pela primeira vez, dentre o punhado de episódios já produzidos. O segmento de fato traz um “monstro sugador de sal” (ainda que seja “o último de sua espécie”, o que gera um dilema sobre a necessidade de preservar ou não sua vida) e não representa, por assim dizer, a série em seus melhores momentos.

Na semana anterior à exibição televisiva, os fãs de ficção científica tiveram mais sorte. Gene Roddenberry havia comparecido à Tricon, a maior convenção mundial do gênero na época, em Cleveland, e apresentado o episódio-piloto que convenceu a NBC a bancar e exibir a série. *Where No Man Has Gone Before* era mais que um episódio de aventura; era uma peça recheada de drama e filosofia. Que outro programa seria capaz de citar o filósofo Espinoza em pleno horário nobre?

O público que esteve na Tricon não teve dúvidas ao aclamar *Jornada nas Estrelas* como a melhor série do gênero já produzida para a televisão. Pediu mais. No ato. Roddenberry então exibiu o primeiro piloto do programa, recusado pela NBC, *The Cage*. Mais aplausos crepitantes, vindos inclusive de monstros sagrados da ficção científica, como o escritor Isaac Asimov. Gene sabia que tinha algo especial em mãos. Os executivos da NBC, não.

Em resumo, esta foi a história da origem de *Jornada nas Estrelas*: uma briga entre um produtor visionário e o conservadorismo da televisão americana. Como em inúmeras vezes na história da civilização, prevaleceu a visão. Mas não sem muitas batalhas, e algumas derrotas.

Jornada nas Estrelas foi tirada do ar após três temporadas, ironicamente no mesmo ano em que algumas de suas premissas começavam a se tornar realidade – o homem fez seu primeiro pouso na Lua em 1969, poucos meses após o anúncio do cancelamento da série. Mas a força de uma ideia é muito maior do que o suposto poder dos executivos da televisão. Desde seu cancelamento,



as aventuras de Kirk, Spock e McCoy a bordo da nave estelar Enterprise conquistaram cada vez mais espaço com as reprises. É seguro dizer que a série permaneceu ininterruptamente no ar desde então, seja na televisão americana ou no exterior. No Brasil, por exemplo, o programa começou a ser exibido relativamente cedo, em 1968, na extinta TV Excelsior.

Nas reprises, com horários mais adequados a seu público, e uma audiência já preparada para absorver o conteúdo, *Jornada nas Estrelas* saltou de uma série morta a um programa cultuado. A explosão de audiência, por sua vez, fez a Paramount Pictures (estúdio então detentor dos direitos da série) perceber que quase matara sua galinha dos ovos de ouro. Agora, subitamente, os executivos passavam a amar o *show* de Gene Roddenberry.

O resto, como dizem, é história. Treze filmes para cinema foram produzidos desde então, e outras quatro séries de TV (cinco, se contarmos os desenhos animados dos anos 1970) baseadas no universo da franquia ganharam vida própria, muitas vezes rivalizando em popularidade até com a versão original. E já houve anúncio oficial de uma nova série para a TV em 2017. Isso sem falar no sem-número de romances, bonecos, brinquedos, plastimodelos, canecas, canetas, revistas em quadrinhos e outros produtos licenciados (ou não, pois muitos fãs produzem por conta própria esse tipo de coisa, sem qualquer apoio ou autorização da Paramount, que atualmente cuida só dos filmes para cinema, ou da CBS, que hoje detém os direitos televisivos sobre a franquia).

Cinquenta anos depois de sua estreia, *Jornada nas Estrelas* deixou de ser mais um programa de televisão.

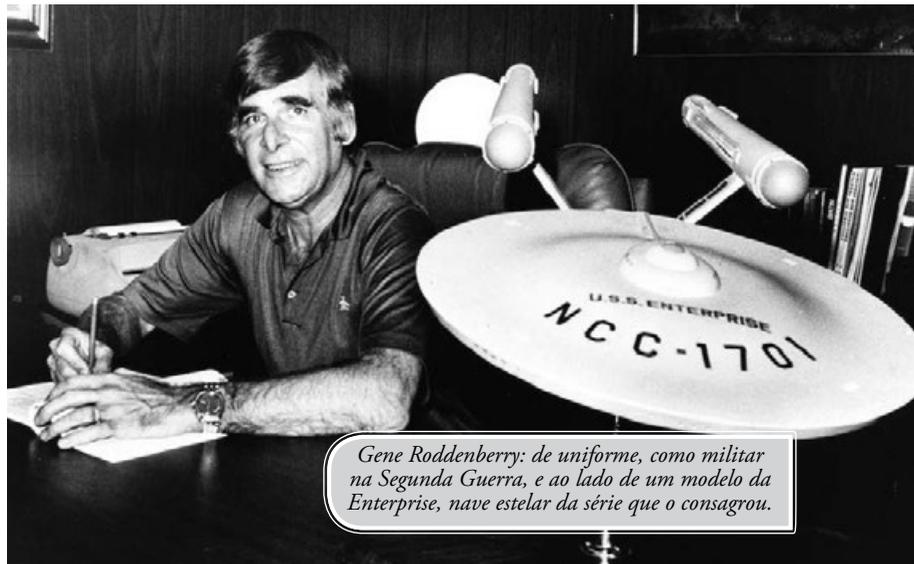
Hoje, a série já é parte da cultura popular. Sua marca pode ser sentida na sociedade tanto quanto a influência que os Beatles ou a Guerra Fria imprimiram na fantástica, trágica e espetacular história do século 20. E, ao que tudo indica, esse poder de inspirar e moldar os destinos da humanidade continuará século 21 adentro, o que só contribui para alimentar uma aura quase mítica em torno do programa. Não é à toa que Gene Roddenberry ganhou o apelido de “Grande Pássaro da Galáxia” (expressão, aliás, que apareceu pela primeira vez, em outro contexto, no episódio de estreia de *Jornada*, *The Man Trap*).

Em contraste com a grandiosidade de seu impacto, as origens da série são muito mais humildes. Tudo começou com um ex-policial que decidiu virar escritor de televisão em Hollywood.

Nasce um novo conceito

O maior feito de *Jornada nas Estrelas* não foi produzir uma premissa em torno da qual uma série de ficção científica espacial adulta, destinada ao horário nobre, pudesse orbitar. Mais difícil mesmo foi provar aos executivos da televisão americana que era possível realizar algo desse porte com um orçamento televisivo. E o homem responsável por isso foi Eugene Wesley Roddenberry.

Gene, como ficou mais conhecido, sempre teve uma queda por ficção científica. Nascido em El Paso, no Texas, em 1921, tornou-se piloto de aviões e se juntou à divisão aérea do Exército dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Após a guerra, acabou indo



Gene Roddenberry: de uniforme, como militar na Segunda Guerra, e ao lado de um modelo da Enterprise, nave estelar da série que o consagrou.

parar na aviação civil, onde teve a chance de viajar para os mais remotos cantos do planeta e conhecer a imensa variedade cultural humana. Após um acidente aéreo que quase lhe custou a vida, decidiu partir para uma vida no chão – mas nem por isso menos emocionante. Gene virou policial em Los Angeles, na Califórnia.

Lá, ele teve a chance de testemunhar a evolução da indústria da televisão – o primeiro passo para decidir que queria fazer parte dela. Primeiro nas horas vagas, Gene iniciou sua carreira de escritor tentando vender roteiros para séries em produção. Seu treinamento na área, entretanto, já vinha de antes: quando o seu chefe na polícia precisava fazer um discurso, logo encarregava Roddenberry de redigi-lo, aproveitando o óbvio talento do subordinado.

Após algumas vendas bem-sucedidas de roteiros para séries policiais e de faroeste, Gene percebeu que podia ganhar mais dinheiro como escritor do que como policial, e seu chefe no LAPD (Departamento de Polícia de Los Angeles) teve de procurar outra pessoa para redigir seus discursos. Como roteirista profissional, Roddenberry obteve grande sucesso e, no início dos anos 1960, conquistou o *status* de potencial criador de episódios-piloto – segmentos cujo objetivo seria o de convencer as redes de televisão de que a premissa por trás deles seria capaz de manter uma série semanal.

Seu primeiro piloto bem-sucedido (ou seja, comprado por uma rede, juntamente com uma encomenda por novos episódios) foi *The Lieutenant* (“O Tenente”), uma série policial estrelada por Gary Lockwood. O seriado durou uma temporada, de 1963 a 1964, e Roddenberry teve a chance de exercer o papel de produtor, que ele desempenhava tão bem ou melhor que o de escritor.

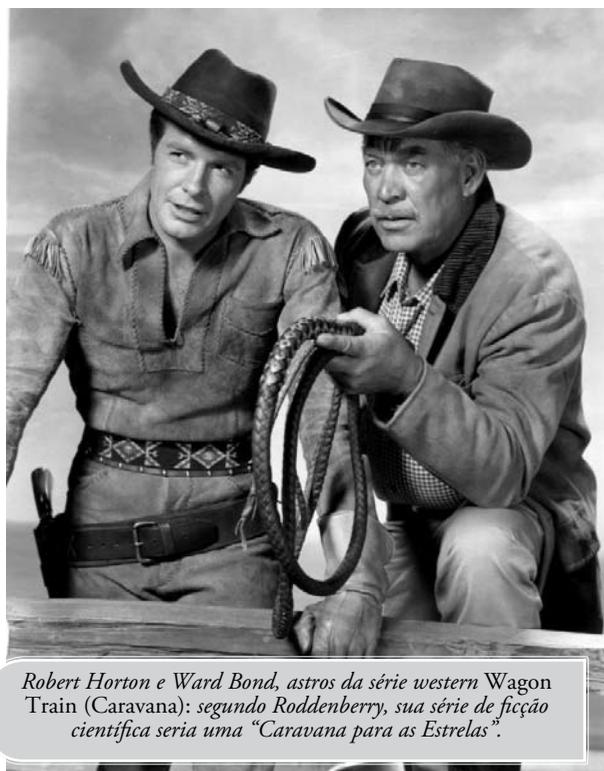
Em *The Lieutenant*, além do já referido Lockwood, estrelariam também, como convidados, alguns atores que acabariam consagrados em *Jornada nas Estrelas*, como Nichelle Nichols (Uhura) e Leonard Nimoy (Spock). Mas a série em si não se tornaria um sucesso de audiência, levando ao inevitável cancelamento. Com isso, a MGM (o estúdio responsável pela produção) voltou a contatar Roddenberry, perguntando se ele teria algum outro piloto para propor.

Gene achou que agora era o momento de tentar emplacar um conceito em que já trabalhava mentalmente havia anos. Algo que ele chamava de *Star Trek*. Então, em março de 1964, apresentou à MGM um documento de 16 páginas explicando exatamente o que ele queria dizer com *Star Trek* (*Jornada nas Estrelas*).

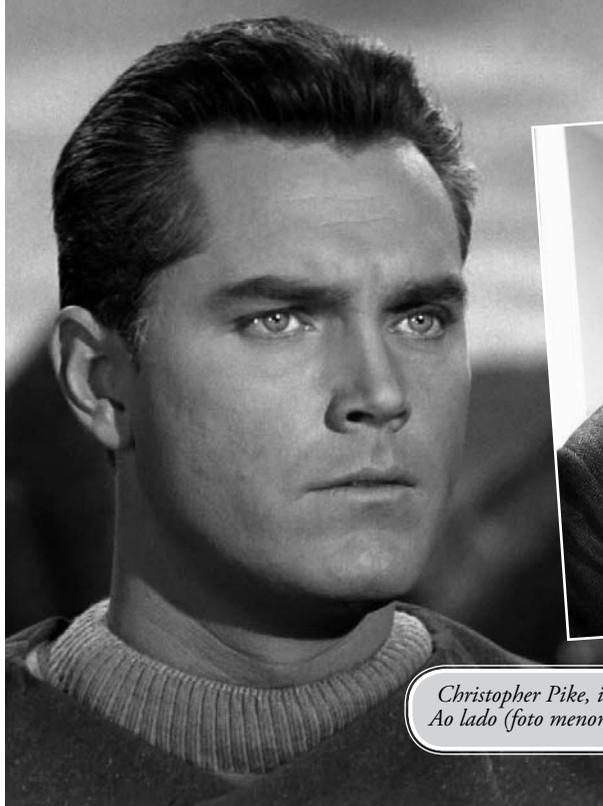
Segundo suas próprias palavras, *Jornada* era é um conceito “Caravana – construído em torno de personagens que viajam para mundos similares ao nosso e encontram a ação, a aventura e o drama que se tornam as nossas histórias”.

Caravana (*Wagon Train*), famosa série *western* de TV exibida pelas redes NBC e ABC entre 1957 e 1965, contava as aventuras de uma caravana que cruzava os Estados Unidos, entre o Missouri e a Califórnia, no final do século 19. *Jornada nas Estrelas* seria como uma “Caravana para as estrelas” – em vez de carruagens e cavalos, o meio de transporte seria a nave estelar “S.S. Yorktown, realizando uma missão de Exploração-Ciência-Segurança bem definida e de longo alcance”. Em vez de revólveres, armas de raios. Seria o primeiro conceito de ação, aventura e ficção científica com personagens centrais fortes e outros coadjuvantes recorrentes.

Gene já tinha uma ideia bastante boa de como queria sua série de ficção para TV, com uma nave espacial tripulada por uma equipe brilhante, numa missão de exploração, de manutenção da paz e de ciência.



Robert Horton e Ward Bond, astros da série *western* *Wagon Train* (Caravana): segundo Roddenberry, sua série de ficção científica seria uma “Caravana para as Estrelas”.



Christopher Pike, interpretado pelo ator Jeffrey Hunter. Ao lado (foto menor), Lloyd Bridges, que recusou o papel.

Seria a primeira série dramática de ficção científica na TV, voltada ao público adulto a um custo aceitável. Os executivos ficaram sensibilizados, mas a coisa toda lhes pareceu inovadora demais. O medo falou mais alto, e a MGM acabou recusando o projeto.

O episódio-piloto

Com a recusa, em vez de simplesmente desistir, Gene saiu em busca de outro estúdio interessado em produzir a série. Após rodar a cidade inteira, o único disposto a apostar nele foi a Desilu. Esse estúdio já havia atingido o topo em Hollywood quando sua principal produção, *I Love Lucy*, era sucesso total nos Estados Unidos. Ela era estrelada justamente pelos donos do estúdio, Lucille Ball e Desi Arnaz (daí o “Desilu”).

Fortemente associada ao programa, a Desilu iniciou um processo de decadência assim que seu carro-chefe saiu do ar (*I Love Lucy* permaneceu em exibição na rede de televisão CBS entre 1951 e 1957, para depois dar lugar a uma versão diferente do programa, que durou mais três temporadas, terminando com a separação de Lucy e Desi na vida real, em 1960). Mesmo sem seu principal fenômeno de audiência, o estúdio ainda tinha a esperança de dar a volta por cima, e a promessa de Roddenberry de uma série de ficção revolucionária e, ainda assim, muito barata, era atraente demais para que Lucy, então no comando da empresa, resistisse. Com isso, a Desilu passou a ser

a produtora oficial de Roddenberry para *Jornada nas Estrelas*.

Mas essa era só meia batalha. Faltava ainda descobrir quem efetivamente bancaria a série e compraria os direitos de exibição. Na época, sem televisão a cabo, muito menos internet, as opções nos Estados Unidos se resumiam a três grandes redes: ABC, CBS e NBC. A primeira a ser procurada foi a

CBS, que propiciou a Roddenberry um episódio sinistro. A princípio, Gene foi recebido pelos executivos com uma quantidade excessiva – e suspeita – de tapinhas nas costas. Tudo parecia ir muito bem, mas, após a apresentação, os engravatados revelaram o porquê de tanta cortesia: a CBS não estava interessada em bancar a série de Roddenberry, mas queria saber tudo o que ele sabia sobre ficção científica para televisão, a fim de aplicar o conhecimento em um novo programa da rede: *Perdidos no Espaço*.

Coube então à concorrente NBC aceitar o desafio proposto por Gene. Recentemente tomada pela inovação da televisão em cores, a rede achou que *Jornada nas Estrelas* poderia ser uma boa vitrine para demonstrar o potencial do novo produto, com mundos e alienígenas exóticos – e, de preferência, bem coloridos. E então deu a Roddenberry 20 mil dólares para que ele escrevesse três sinopses completas com base no formato. De posse delas, os executivos da rede elegeriam uma para ser o piloto da série. A escolhida acabou sendo *The Cage* (*A Jaula*).

Com a história definida, Roddenberry e a Desilu receberam a generosa quantia de 435 mil dólares, o que na época era uma verdadeira fábula, para a construção dos cenários, a contratação do elenco e a produção do que seria o piloto mais ambicioso da história da ficção científica na televisão. Acertado o contrato, a equipe de Gene, engrossada pelo produtor Robert Justman, passou a trabalhar incansavelmente

na elaboração dos *sets* e dos objetos necessários (havia todo um universo ficcional a criar!), além de iniciar o processo de escalação dos atores que dariam vida aos personagens da nova série. Roddenberry queria alguém de peso para interpretar o protagonista, o capitão Robert April, da nave estelar Yorktown.

Enquanto todas essas decisões eram tomadas, a série continuava a ser moldada até chegar ao formato que acabou se consagrando. Durante os meses que separaram a escolha da sinopse do piloto e a escrita do roteiro, por exemplo, a Yorktown trocou de nome e se fixou no que todos conhecemos hoje: USS Enterprise. O capitão Robert April, por sua vez, sobreviveu até a primeira versão do roteiro de *The Cage*, datada de 8 de setembro de 1964, depois passou algum tempo como Robert Winter, para finalmente se tornar o intrépido capitão Christopher Pike.

A primeira pessoa que Gene procurou para o

papel principal foi o ator Lloyd Bridges, de *Aventura Submarina (Sea Hunt)*. Ele recusou. “Não foi uma besteira da parte dele”, lembrou Roddenberry, ao comentar o caso. “Eu estava falando de coisas que pareciam um bocado *nonsense* naqueles tempos. Ele me disse: ‘Eu já vi ficção científica, Gene, e não funciona’. Julgando pelo que havia de ficção científica à nossa volta, tive de concordar.”

O primeiro capitão da Enterprise

É nesse ponto que um sujeito chamado Henry Herman McKinnies Jr. teve a chance de se tornar uma das pessoas mais importantes da história de *Jornada nas Estrelas*. Se você não tem ideia de quem ele é, tente seu nome artístico: Jeffrey Hunter.

Nascido em 25 de novembro de 1926, em Nova Orleans, Louisiana (Estados Unidos), Hunter havia atuado lado a lado com John Wayne em *Rastros de Ódio (The Searchers)*, em 1956 – o que o ator considerou um marco em sua carreira. “Disseram que eu tinha chegado lá quando, durante as filmagens de *Rastros de Ódio*, me deram quase tanta munição quanto deram ao John Wayne”, ele dizia.

Foi também nesse ano, durante as filmagens de *Um Beijo ao Morrer (A Kiss Before Dying)*, que Hunter conheceu sua segunda esposa, Joan Bartlett. A modelo teve grande influência sobre o futuro da carreira do ator – e seu trágico e prematuro final.

Os dois se casaram em 1957. Em 1961, Hunter chegaria a seu trabalho mais lembrado: o de interpretar Jesus Cristo, em *Rei dos Reis (King of Kings)*. O papel impulsionou o rosto bonito do ator definitivamente para a fama. Dali em diante, entretanto, foi só ladeira abaixo. Bartlett decidiu que seria a responsável pela administração da carreira do marido e escolheria quais papéis ele deveria ou não fazer.



See "Star Trek" on RCA Victor Color TV. Shown above, The Hateful Eight

- Like Automatic Fine Tuning that gives you a perfectly fine-tuned picture every time.
- A new RCA tube with 38% brighter highlights.
- Advanced circuitry that won't go haywire.
- And over 25 years of color experience.
- You get all this and more from RCA VICTOR.



Anúncio da RCA publicado em outubro de 1967 nas páginas da revista TV Guide, citando Jornada nas Estrelas como um dos motivos para se comprar um aparelho de TV colorido.



E a modelo decidiu que ele definitivamente era um astro de cinema – não de televisão.

O resultado foi que Hunter começou a perder as oportunidades nos Estados Unidos. Passou alguns anos fazendo filmes de segundo escalão na Europa e, numa mudança que poderia ter levado sua carreira de novo para o auge, decidiu aceitar o convite para filmar um piloto que, segundo seu criador, prometia uma revolução na televisão: *Jornada nas Estrelas*. E o ator viu genuinamente um enorme potencial na série. Em janeiro de 1965, depois de ter filmado o piloto, Hunter deu uma entrevista elogiando o arrojo do programa de Roddenberry.

“Encontramos mundos pré-históricos, sociedades contemporâneas e civilizações muito mais desenvolvidas do que a nossa”, disse. “É um grande formato porque os escritores têm liberdade – eles podem nos aterrissar num planeta infestado por monstros ou lidar com relações humanas envolvendo o grande número de pessoas que vivem nessa nave gigantesca.”

“Nós vamos saber em algumas semanas se a série foi comprada. Será de uma hora, colorida, com um elenco regular de meia dúzia de pessoas e um astro convidado a cada semana. A coisa que mais me intriga é que ela é na verdade baseada na projeção da RAND Corporation [organização tradicionalíssima que presta consultoria nos Estados Unidos, um dos chamados *think tanks* americanos] do que vem por aí.

Exceto pelos personagens fictícios, será como dar uma olhada no futuro e algumas das previsões certamente serão verdade ainda durante nossas vidas.” (E foram mesmo. Pense em comunicadores portáteis sem fio, computadores com reconhecimento de voz, *tablets*... Jeffrey Hunter já sabia desde antes da estreia!)

“Com todas as estranhas redondezas do espaço exterior, o tema básico subjacente à série é uma abordagem filosófica das relações dos homens com as mulheres”, prosseguiu o ator. “Há os dois sexos na tripulação e, na verdade, a primeira oficial é uma mulher.”

Em *The Cage*, Hunter de fato dá o melhor de si: mostra um líder com personalidade complexa, cheio de vigor e astúcia, mas também atormentado por culpa e ressentimento, por ter de decidir sobre a vida e a morte de seus tripulantes. A história, redigida por Gene Roddenberry, era surpreendente.

O enredo de *The Cage*

No episódio-piloto, a Enterprise é desviada de seu curso por um pedido de socorro vindo de uma nave terrestre acidentada no planeta Talos IV. Sobreviventes são descobertos – um grupo de idosos e uma jovem e linda mulher, Vina, que chama a atenção do capitão Christopher Pike. Mas tudo não passa de um embuste organizado pelos reais habitantes daquele planeta para capturá-lo. Os talosianos têm enormes poderes telepáticos e mani-



Spock e o capitão Pike, no primeiro episódio-piloto, *The Cage*.



Leonard Nimoy e Gene Roddenberry, durante a filmagem de *The Cage*, em 1964.

pulam a percepção da realidade dos tripulantes da Enterprise.

Pike é colocado numa jaula e passa por diversas intervenções telepáticas que o colocam nas mais diferentes circunstâncias – como um mercador de escravas de Órion, num piquenique na região do Mojave, onde ele nasceu na Terra, e revivendo um conflito de sua missão anterior. Em todos os cenários, Vina está presente. Pike logo percebe que os talosianos estão tentando induzi-lo a se apaixonar por ela. Quando o capitão se recusa a cooperar, os alienígenas oferecem mais duas opções, levando para sua jaula duas das tripulantes da Enterprise. Está claro que os talosianos querem criar uma população humana naquele mundo. Mas para quê?

Pike acha que é para servirem como escravos e faz o possível para impedir isso, aceitando até mesmo cometer suicídio. Então, tudo se esclarece: os talosianos estão morrendo e não podem mais se reproduzir. Tudo que eles queriam era encontrar seres que pudessem dar continuidade à sua cultura moribunda. Uma motivação nobre, para os supostos vilões! Esse tipo de sutileza e sofisticação desde o início figurava como marca registrada de *Jornada nas Estrelas*.

Contudo, a despeito de todas essas virtudes, a série não foi imediatamente comprada pela NBC. Em compensação, com tanto dinheiro já investido, os executivos também não tiveram coragem de simplesmente jogar a toalha e tomaram a audaciosa decisão, até então inédita, de pedir um segundo piloto. Praticamente toda a tripulação deveria ser trocada – exceto Jeffrey Hunter e seu capitão Pike. Mas Joan Bartlett, a esposa do ator, voltaria a influenciar as decisões profissionais do marido.

Os envolvidos na produção de *Jornada nas Estrelas* na época contam que a mulher foi até eles com exigências absurdas, sob o pretexto de proteger a carreira de Hunter – mais uma vez ela vinha com

aquela conversa de que “o meu marido é um astro de cinema”. A situação fez com que o ator acabasse desistindo de voltar para o segundo piloto, apesar de seu entusiasmo inicial.

Terrível escolha – para ele. Dali em diante, Hunter começou a fazer filmes de calibre cada vez menor e seu nome foi desaparecendo da lista dos potenciais astros de Hollywood. Simultaneamente, o plano pessoal parecia cada vez mais insuportável. As pressões da mulher e a crise familiar levaram o ator à bebida. Após vários confrontos que beiravam a casos de polí-cia, em 28 de fevereiro de 1967, Hunter e Bartlett se separaram.

Durante as filmagens de *Viva América!*, na Espanha, Hunter sofreu uma lesão com explosivos. Dali em diante passou a viver com vertigens e dores de cabeça. Meses depois em sua casa, numa dessas crises, caiu da escada e bateu a cabeça. Foi levado às pressas para o hospital, com hemorragia cerebral e traumatismo craniano. Morreu na sala de cirurgia, com 42 anos, em 27 de maio de 1969, antes mesmo de o último episódio de *Jornada nas Estrelas* ir ao ar.

Depois que *Jornada* foi finalmente comprada pela NBC, o episódio duplo *The Menagerie*, da primeira temporada, conseguiu aproveitar as antigas cenas do primeiro piloto. Então, todos os fãs tiveram a chance de conhecer o capitão Christopher Pike e o ator por trás dele. Dali em diante, surgia uma pergunta inquietante: o que teria sido da série se Hunter tivesse permanecido a bordo?

De toda forma, nada disso poderia ter ocupado a mente de Gene Roddenberry em 1965, quando Jeffrey Hunter subitamente abandonou o barco. Com os executivos em seus calcanhares, o produtor precisaria encontrar um novo capitão para a Enterprise – e esse era apenas um de seus muitos e variados problemas, na atribulada transição para a produção do segundo piloto de *Jornada nas Estrelas*. 